

INCIDÊNCIAS DA PATOLOGIZAÇÃO NO SUJEITO ADOLESCENTE

Mauro Vassoler Junior; Ariana Lucero

A questão desta pesquisa surgiu de uma experiência em um programa de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo que atua em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. Mediante a participação em oficinas terapêuticas com adolescentes, nas quais estes se apresentavam primeiramente por seu transtorno, ocorreu uma interrogação sobre a patologização, escrita da seguinte forma: qual o efeito para o sujeito no tempo da adolescência da identificação a um diagnóstico?

Freud (1905/2016) dedicou o terceiro de seus três ensaios sobre a sexualidade às vicissitudes da pulsão sexual no tempo da puberdade e sua incidência na estrutura do sujeito. Para o autor, após a escolha de objeto, que se dá nos primeiros anos de vida da criança, há o período de latência, em que a pulsão sexual fica adormecida. O fim desse período é marcado pelo início da puberdade, no qual a questão do objeto se recoloca e o sujeito precisa atualizar sua escolha, além de ocorrer uma tomada de posição nas relações enquanto masculina e feminina (FREUD, 1905/2016).

Stevens (2004), fazendo uso do conceito lacaniano de real, aponta que no desenvolvimento dos órgãos genitais há um encontro com o real da puberdade. O autor caracteriza o traumático em questão com a fantasia que falha no púbere, uma vez que tanto as identificações imaginárias quanto as simbólicas claudicam nesse momento; com a imagem do corpo que se modifica a partir das alterações hormonais, ficando o imaginário despedaçado; com o desafio subjetivo de se separar dos pais e de suas figuras simbólicas, partindo para outros ideais com os quais possa se identificar; e com a constatação de que a relação sexual não existe, ou seja, não existe um saber *a priori* sobre a relação entre um homem e uma mulher.

As respostas que os adolescentes procuram dar a essa falha no saber configuram determinadas tomadas de posições subjetivas que muitas vezes podem ser patologizadas. Este é um fenômeno que caracteriza um tipo de leitura de comportamentos considerados desviantes, pois para Fanizzi e Lajonquière (2020), patologizar é atribuir caráter de doença ou transtorno a comportamentos que, em relação a uma norma social, são considerados transgressores.

Voltando a Stevens (2004), ele descreve algumas respostas sintomáticas comuns recolhidas na clínica frente ao traumático da puberdade. A saída pelas identificações é descrita pelo autor como o fundamento dos grupos de adolescentes. Ao falhar a fantasia, o sujeito pode

inventar identificações imaginárias ou simbólicas como modo de tratamento ao gozo, o que indica que além do corpo estar em questão na adolescência, há também algo da separação do Outro (STEVENS, 2004).

Para Freud (1921/2011, p. 60), a identificação pode ser “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”. Antes do complexo de Édipo, ou seja, anterior a qualquer escolha objetual, o pai é tomado como um ideal, o modelo a ser seguido, ou ainda, o que a criança gostaria de ser. Durante a travessia do Édipo, a identificação ganha um caráter hostil, revelando a ambivalência presente nessa operação, já que ela pode se relacionar com sentimentos de ternura e eliminação. Para Freud (1921/2011), há uma incorporação do objeto idealizado e estimado, matando-o, assim, como objeto no mundo externo.

Freud (1921/2011) descreve ainda a identificação pelo sintoma, ou identificação histérica. Nesse tipo, a escolha de objeto regride à identificação. Para o autor, o Eu adota características do objeto, sendo tomado um traço inconsciente da pessoa-objeto, amada ou não, o que caracteriza essa identificação como parcial.

Comentando as identificações, Capanema (2015) afirma que Lacan permite lê-las como nominações, pois possibilitam o sujeito nomear-se, cumprindo a função de enodamento do nó borromeano. Desse modo, Lacan concebe a identificação primária freudiana, que toma o pai como ideal e se dá antes de uma escolha objetual, como uma identificação ao real, em que se estabelece o Nome-do-Pai. Seguindo a ideia canibalista ressaltada por Freud, essa identificação é relacionada ao amor, pois o pai só é incorporado como um ideal, na medida em que faz de uma mulher a causa de seu desejo. É isso que o torna digno de amor e passível de ser idealizado (CAPANEMA, 2015).

Já a identificação ambivalente do complexo de Édipo, que pode se dar pela rivalidade ou pelo amor, levando ao sintoma neurótico, é comentada por Lacan como identificação ao simbólico, sendo caracterizada pela incorporação de um traço significativo do Outro, o que a caracteriza como regressiva (CAPANEMA, 2015).

Por outro lado, a identificação histérica é lida por Lacan como identificação ao imaginário, pois trata-se de uma identificação baseada na presença imaginária do desejo do Outro. Essa é a identificação das formações de grupos, na medida em que independe da pessoa, que pode ser indiferente ao sujeito que se identifica, pois o ponto central é que há uma comunidade de desejo, sendo, devido a sua característica unificadora, importante na formação de coletivos de adolescentes (CAPANEMA, 2015).

Ao dizer que a identificação possibilita a formação de grupos, pois algo afetivo é comum inconscientemente, Freud (1921/2011) chama atenção para um dos efeitos desse fenômeno. Os

grupos são essenciais na adolescência, pois é por meio deles que o sujeito encontra novos referenciais simbólicos e imaginários, o que faz parte da constituição subjetiva. Uma vez que no encontro com o real da puberdade esses referenciais falham, nos coletivos, os jovens podem encontrar um lugar que possibilite uma nomeação, sendo construído um novo arcabouço para o sujeito, que vai além dos familiares.

Stevens (2004) afirma que a adolescência é o momento em que o sujeito se depara com um não saber, assim, nomear esse momento, que é lido pela sociedade como “crise”, ou com um diagnóstico, pode ter um efeito de alívio da angústia do sujeito e de seus familiares, pois se coloca um significante em um lugar vazio (por isso causa de angústia). Aliviar a angústia tem seu benefício, pois é respondendo a ela que o sujeito produz sintomas, ou, muitas vezes, passa ao ato ou faz um *acting out* (STEVENS, 2004).

É nesse lugar que algo da singularidade do sujeito pode comparecer, pois um sintoma neurótico é uma produção do inconsciente que tem um sentido e está relacionado com a vida do sujeito (FREUD, 1917/2014). Há uma parcela de material inconsciente que o nome de um transtorno não pode contemplar, pois é apenas a partir de uma escuta analítica que esse conteúdo pode ser acessado e elaborado, sendo possível, a partir da fala advinda da associação livre, eliminar a produção das ações sintomáticas (FREUD, 1917/2014).

Caracterizar os acontecimentos da adolescência como uma “crise” aponta para o lugar no campo social que tem sido dado às formas com que cada jovem consegue atravessar a puberdade. Rosa e Carmo-Huerta (2020) apontam que a maneira com que cada adolescente se arranja tem sido desqualificada, criminalizada e patologizada pelo campo social. Uma vez que falta um saber no encontro com o real da puberdade, o saber científico, dito universalista, entra nesse furo angustiante e tampona algo que está apontando para outro lugar, o da singularização.

Colado a um significante oferecido pelo campo científico, o adolescente não tem a possibilidade de falar de sua singularidade, que pode produzir um saber próprio de sua travessia da adolescência. Isso se relaciona com os pontos inconscientes apontados na identificação histórica. Se um adolescente encontra um diagnóstico nesse momento de falta de saber, ele pode funcionar como ancoragem, impossibilitando que se ache uma maneira singular de se haver com suas questões.

Ao mesmo tempo, percebe-se grupos de adolescentes que se formam em torno de uma nomeação diagnóstica, em especial, nas redes sociais. Nesses locais, em que cada um pode falar de si, talvez emergja uma solução singular. Cada sujeito precisa se haver com as ferramentas disponíveis no laço social, daí ser tão importante a frase de Lacan de que “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade

de sua época” (LACAN, 1998, p. 322). Isso não invalida recorrer aos cânones para buscar referências que permitam situar aquilo que há de estruturante na constituição subjetiva, bem como os fenômenos que assumem diferentes formas em cada época.

Como apontado por Freud (1921/2011), uma das facetas da identificação é tomar um traço como modelo, ter um ideal. Ao se identificar a um diagnóstico, o adolescente pode ter seu modo de se colocar nas relações balizada por essa operação. É importante ressaltar que isso só pode ser verificado no caso a caso, mas sempre haverá um efeito desse enquadramento de fenômenos singulares do sujeito em transtornos catalogados cientificamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPANEMA, C. A. **A contingência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência**. 2015. 169f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AA5GFL/1/tese_carla_capanema_final_2.pdf. Acesso em: 12 mai. 2020.

FANIZZI, C.; LAJONQUIÈRE, L. de. O discurso medicalizante e a educação: o sujeito no impasse. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 105-122, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/165806>. Acesso em: 12 mai. 2020.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In*: FREUD, S. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

FREUD, S. Os caminhos da formação de sintomas (1917). *In*: FREUD, S. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 475-499.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). *In*: FREUD, S. **Obras completas, volume 15**: psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROSA, M. D.; CARMO-HUERTA, V. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-20, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/167681>. Acesso em: 12 mai. 2020.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 20, p. 27-39, 2004.